

PROF. BOTAŌ

Texto 4.1

CAPÍTULO IV

O Novo Jornalismo

A arte é longa, a vida é curta, e o sucesso fica longe demais.
Joseph Conrad

Na segunda respiração da vida, a atmosfera é mais querida.
Jack Kerouac

Huuuuuuuummmmmmmmmmm!!!!!! Sempre quis começar um capítulo com essa prolongada e óbvia interjeição. Bem ao estilo do jornalismo literário americano, o *New Journalism*, ou o Novo Jornalismo. O manifesto do gênero foi escrito por Tom Wolfe em 1973, quando eu tinha apenas 2 anos, mas, desde que passei a me interessar por Jornalismo, esse jeito de narrar histórias me fascina. Aliás, uma outra forma adequada de começar o texto seria descrever o próprio Wolfe, que esteve no Brasil durante a Bienal Internacional do Livro, no Rio de Janeiro, em 2005, para lançar sua obra mais recente, *Eu sou Charlotte Simmons*.

Imagine os dois mil lugares do auditório do Riocentro completamente ocupados. Pois é: não estavam. A recepção para a estrela do evento foi apática, fria mesmo. Um nocaute no ego do escritor. O público preferiu celebridades literárias instantâneas, o "miojo" do mercado editorial, como o Jean, do *Big Brother Brasil*, por exemplo. Ele sim, conseguiu auditório lotado, fila de autógrafos e gritos de histeria. Para o fundador do Jornalismo Literário contemporâneo, sobrou a admiração de um pequeno grupo de fãs, além da reverência dos editores brasileiros.

Wolfe chegou ao auditório na carona de um pequeno carrinho de golfe. Vestia o tradicional terno branco de linho, estilo de roupa que usa há mais de quarenta anos e é sua marca registrada. Na cabeça, o indefectível chapéu panamá. Nas mãos, o exemplar brasileiro de seu último livro. A gravata em tom de rosa mantinha uma combinação antiquada com o lenço da mesma cor que escorregava do bolso superior do paletó. E ainda havia o sapato branco de bico fino e solado de madeira, cujo ruído era abafado pelo carpete do auditório durante as lentas passadas do autor rumo ao palco.

O editor Paulo Rocco apresentou a estrela, umas das mais importantes de seu catálogo bibliográfico. O que não é pouca coisa, pois é ele quem edita o Paulo Coelho. Chuuuuuáááá!!! Tchibuuuummmmm!!! Abracadabra!!! “O universo conspira a favor de nossa lenda pessoal.” Nunca vou esquecer as palavras do mago. Acho que já encontrei minha alma gêmea, mas ainda estou em busca do alquimista que vai me transformar em um *best-seller*. Mas disso o Tom Wolfe também entende. Já vendeu milhões de livros em todo mundo. O cara é bom. Melhor prestar atenção na palestra.

As primeiras palavras são acerca do romance realista. Ele se compara a Balzac, o que não é muito modesto, mas também não é inesperado. Fala sobre sua formação intelectual, o doutorado em Estudos Americanos em 1957, o trabalho na imprensa e as origens do Novo Jornalismo. Enfim chega onde eu quero.

Na verdade, Wolfe não é o precursor do estilo. Segundo o professor Carlos Rogé, o termo Novo Jornalismo apareceu pela primeira vez em 1887, mas foi usado de forma jocosa para desqualificar o britânico Wt Stead, editor da *Pall Mall Gazette*. Ele era um repórter engajado nas lutas sociais, recriava a atmosfera das entrevistas em seus textos e fazia matérias participativas. Em uma delas, “comprou” uma menina de 13 anos da própria mãe para denunciar a prostituição infantil – o que lhe custou dois meses de cadeia. Considerado inseqüente por seus adversários, recebeu a alcunha de novo jornalista, cujo significado mais aproximado era o de “cabeça oca” ou “cérebro de passarinho”. Bem diferente do conceito atual.

Para voltar ainda mais no tempo, vale lembrar que alguns historiadores consideram Daniel Defoe o primeiro jornalista literário moderno.

Ele era um influente editor no começo do século XVIII, escrevendo panfletos, ensaios e crônicas na revista *Review*, de 1704 a 1713. Ficou conhecido por seus romances, como *Robinson Crusoe* (1719) e *Moll Flanders* (1722), mas foi em 1725, por uma série de reportagens policiais em que misturou Literatura e Jornalismo, utilizando as técnicas narrativas de seus romances para tratar de fatos reais, que começou a atuar na imprensa. Três anos antes, também já havia publicado *Diário do ano da peste*, que reconstitui a epidemia de peste bubônica em Londres no ano de 1665, embora esse texto tenha uma abordagem mais histórica do que factual.

No século XX, antes do manifesto de Wolf, já há escritores que antecipam o gênero. O mais significativo deles talvez seja John Hersey, autor do célebre *Hiroshima* (1946), que utilizou uma narrativa romancada para escrever um livro jornalístico, cujo objetivo era descrever a tragédia atômica por intermédio dos pontos de vista de seis personagens reais, sobreviventes da bomba. Hersey parte de fatos autênticos para reconstruir cenas e explorar as emoções dos personagens, apresentando diálogos interiores de forma novelística. Antes da edição em livro, *Hiroshima* foi publicado em uma edição única da *The New Yorker*, em 31 de agosto de 1946.

A mesma estratégia foi utilizada 19 anos depois por Truman Capote no livro *A sangue frio*, cujo enredo conta a história de dois bandidos que assassinaram uma família em uma zona rural do Kansas, nos Estados Unidos. A obra também saiu nas páginas da *The New Yorker* antes de ser publicada em livro. Assim como Hersey, Capote recriou diálogos interiores e reconstruiu a atmosfera de cada cena. Só a pesquisa para o livro durou cinco anos. Mas o autor não gostava de chamar o seu trabalho de Jornalismo. Preferia o termo “romance de não-ficção”. Entretanto, segundo Wolfe, o sucesso de *A sangue frio* deu muita força para o movimento que ele estava criando.

O que vai proporcionar o advento do Novo Jornalismo contemporâneo na década de 1960, nos Estados Unidos, é a insatisfação de muitos profissionais da imprensa com as regras de objetividade do texto jornalístico, expressas na famosa figura do *lead*, uma prisão narrativa que recomenda começar a matéria respondendo às perguntas básicas do leitor. Wolfe logo percebe essa insatisfação e seus primeiros ataques são contra o maior representante da suposta “cientificidade” dos jornais, o

colunista do *Times* Walter Lippmann, a quem chamou de vendedor de roncões, uma crítica ácida ao estilo pasteurizado de seu texto:

As colunas de jornal tinham passado a ser um exemplo clássico da teoria de que as organizações promovem as pessoas aos seus próprios níveis de incompetência. A prática normal era dar ao sujeito uma coluna como prêmio por grandes serviços prestados como repórter. Dessa maneira, podiam perder um bom repórter e ganhar um mau escritor. O arquétipo do colunista de jornal era Walter Lippmann. Durante 35 anos, Lippmann parecia não fazer nada além de ingerir o *Times* todas as manhãs, ruminá-lo ponderosamente durante alguns dias e depois metodicamente defecá-lo na forma de uma gota de papa na testa de diversas centenas de milhares de leitores de outros jornais nos dias seguintes.¹

A idéia básica do Novo Jornalismo americano, ainda nas palavras de Wolfe, é evitar o aborrecido tom bege pálido dos relatórios que caracteriza a tal "imprensa objetiva". Os repórteres devem seguir o caminho inverso e serem mais subjetivos. Não precisam ter a personalidade apagada e assumir a encarnação de um chato de pensamento prosaico e escravo do manual de redação. O texto deve ter valor estético, valendo-se sempre de técnicas literárias. É possível abusar das interjeições, dos itálicos e da sucessão de pontuações. Uma exclamação, por exemplo, pode vir após uma interrogação para expressar uma pergunta incisiva. Por que não?!

Apesar do já citado manifesto, escrito em 1973, o próprio Wolfe admite que o movimento se organizou movido muito mais pelo instinto do que em torno de uma teoria. Mesmo assim, ele deixou registrados quatro recursos básicos do Novo Jornalismo:

- Reconstruir a história cena a cena.
- Registrar diálogos completos.
- Apresentar as cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens.
- Registrar hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas do personagem.

Mas não é tão fácil assim. Não pense que basta aplicar os recursos para se tornar um jornalista literário. Principalmente porque você só conseguirá aplicá-los se for um repórter extremamente engajado, en-

trevidando com exaustão cada um de seus personagens até arrancar tudo que puder com o máximo de profundidade possível. Para isso, é preciso passar vários dias com as pessoas sobre as quais vai escrever. E, no momento de mostrar os diversos pontos de vista, sua capacidade de descrição deve superar os melhores romances realistas. Mas lembre-se de que você está trabalhando com um texto de não-ficção.

O detalhamento do ambiente, as expressões faciais, os costumes e todas as outras descrições só farão sentido se o repórter souber lidar com os símbolos. Se puder atribuir significados a eles e, mais importante ainda, se tiver a sensibilidade para projetar a ressignificação feita pelo leitor.

Tom Wolfe dá um ótimo exemplo dessa capacidade quando refere-se à descrição de bebedeiras. O bom escritor não tenta descrever a bebedeira em si, mas conta com o fato de o leitor já ter estado bêbado em algum momento da vida. A partir daí, vai ambientando a cena e proporcionando a ele, leitor, uma comparação entre o que está sendo narrado e sua própria experiência pessoal. A memória tratará de aflorar as sensações.

Se, porém, você não conseguir fazer nada disso ou simplesmente não entender uma linha do que eu escrevi, não há com o que se preocupar. Procure um grande jornal diário e terá muitas chances de se tornar editor. Basta manter a linguagem objetiva, os *leads* e a disciplina incolor de seus subordinados.

Por último, volto à palestra de Tom Wolfe no Riocentro a fim de terminar essa pequena conceituação. Lembro da última pergunta da platéia, feita por mim, com o auditório quase vazio, mas ainda iluminado por algumas câmeras de tv e *flashes* de fotógrafos. O autor está no palco, diante de um púlpito em que se vê o logo da Bienal do Livro. A oleosidade da testa longa é ainda mais perceptível por causa da alta temperatura e do reflexo da luz. O terno começa a ficar umedecido. O lenço rosa sumiu do bolso do paletó. O corpo magro, de quase 1,80 m, parece se curvar pelo cansaço. As mãos enrugadas tremem ao segurar o copo de água, as pálpebras descem pelos olhos cansados e a voz já não tem a firmeza do início do discurso.

— Mr. Wolfe, o Novo Jornalismo envelheceu?

Como se bebesse o ácido do frescor elétrico, sua resposta é altiva e prolonga-se por mais de meia hora. "Balzac ainda é jovem." "O

realismo é perene.” “O bom texto sobrevive.” “Etc.” “Etc.” “Etc.”
Muitas etcéteras pelo caminho! Sleeecppppp!!!! Slaaaaaappppp!!!!
Tapas no ego. Tchibuuuuuuuu!!!! Mergulho em apnéia estilística! Quem
esse narrador pensa que é?

Fui!!!

A VERTENTE GONZO

Se você gosta de Jornalismo, já desistiu de ler este livro. Minha narrativa é careta demais, não tem a rebeldia dos escritores que inventaram o estilo. Não há palavrões. Não há idiossincrasias suficientes. O autor não faz muitas intervenções. E, principalmente, escolhe essas frases comportadas com gosto de água benta. Onde está a “porraloquice”? Onde estão os colhões da linguagem?

Foi mal, galera. “Sacumé”? Sou professor de universidade federal, tenho que manter a pose. Confesso que meu estilo é muito mauricinho para os padrões do gonzo, mas o objetivo aqui é tentar explicar academicamente (*pero no mucho*) algumas das tendências do Jornalismo Literário em geral. O público é amplo e irrestrito, mas o alvo mesmo são aqueles que nunca travaram contato com os conceitos. Por isso, tentarei ser didático, já que minha proposta é fazer uma introdução. A partir dela, o novo leitor pode aprofundar seus conhecimentos. Depois, quem sabe, ele volte de suas pesquisas e queime estas páginas.

Vamos pelo começo, então. O Jornalismo Gonzo é uma versão mais radical do *New Journalism*. Ele foi criado e popularizado por Hunter S. Thompson, um excêntrico e brilhante repórter da revista *Rolling Stone*, que se suicidou em fevereiro de 2005. Pode-se dizer que ele levou até as últimas gotas de sangue o seu estilo de reportagem, caracterizado por um envolvimento pessoal com a ação que estava descrevendo, sem medir as conseqüências, por mais perigosas que fossem.

Só para ter uma idéia, Hunter defendia a noção de que era preciso provocar o entrevistado para que a reportagem rendesse. Ele recomendava que o jornalista respirasse fundo, e em seguida xingasse o interlocutor. Não importava a ofensa, e sim a reação, que

deveria ser a mais exacerbada possível. Fez isso com os motoqueiros do Hell's Angels, com quem conviveu por um ano e meio, e tomou uma surra antológica. Mas a matéria ficou excepcional. Aliás, virou tema de um dos melhores livros dele. Não importa que o cara tenha parado no hospital.

Claro que junto com tudo isso vinha uma sucessão de drogas, *rock'n roll* e muito sarcasmo. Era uma verdadeira escalada de ataques com *spray* de pimenta, viagens alucinadas, bebedeiras descontroladas e psicotrópicos. É preciso viver as reportagens para poder relatá-las.

Mas de onde vem o nome gonzo? De uma invenção de Thompson. Em 1971, ele fazia a cobertura da *Mint 400*, uma corrida de motos no deserto de Nevada, para a revista *Sports Illustrated*. Como vivia entrando em roubadas, adotou um pseudônimo, Raoul Duke, e chamou um advogado para acompanhá-lo na viagem, apelidado por ele de Doutor Gonzo. Só que o sujeito era ainda mais maluco que o repórter e também ficou famoso.

O artigo acabou não saindo pela revista esportiva e foi comprado pela *Rolling Stone*, que o publicou em duas edições. O sucesso foi tão grande que saiu em livro, sob o título de *Fear and loathing in Las Vegas: a savage journey to the heart of the american dream*. E depois virou filme, *Medo e delírio*, estrelado por Terry Gilliam, Johnny Depp e Benício Del Toro.

Hunter S. Thompson tornou-se ícone da contracultura norte-americana. E o *Gonzo Journalism* espalhou-se por inúmeras revistas: *Playboy*, *Rolling Stone*, *San Francisco Chronicle*, *Esquire*, *Vanity Fair* etc.

Entendeu? Se a resposta for negativa, fique com uma definição mais conservadora que circula pela Academia: Jornalismo Gonzo consiste no envolvimento profundo e pessoal do autor no processo da elaboração da matéria. Não se procura um personagem para a história; o autor é o próprio personagem. Tudo que for narrado é a partir da visão do jornalista. Irreverência, sarcasmo, exageros e opinião também são características do Jornalismo Gonzo. Na verdade, a principal característica dessa vertente é escancarar a questão da impossível isenção jornalística tanto cobrada, elogiada e sonhada pelos manuais de redação.

Melhor agora? Se estiver, você não deve ser tão apreciador do estilo assim. Eu prefiro as discussões que acontecem nas comunidades no

Orkut.² Há algumas dezenas dedicadas ao tema. Uma delas está inscrita com a seguinte definição de gonzo: "Inversão das possibilidades pré-estabelecidas no Jornalismo atual. Desmascarar o simulacro de realidade imposta pela grande mídia. Sintam-se à vontade, metam o pé no peito do Jornalismo convencional".

Mas o melhor mesmo são os comentários nos fóruns. Veja as respostas para a pergunta "o que é Jornalismo Gonzo":

Humor ácido e espontâneo, que não poupa nem a si mesmo. As questões sociais levantadas (as críticas de Chris Simunek sobre o seu futuro profissional como "professor substituto" são ótimas). O poder descritivo (Thompson descreve muito bem os Hell's Angels). A "captação participativa", que é quando o repórter deixa de ser espectador e participa dos fatos.

...

O melhor do Jornalismo Gonzo é, primeiro, a certeza de que a imparcialidade apregoada no jornalismo é uma farsa, segundo, como o próprio Hunter Thompson dizia, "o bom gonzo jornalista deveria ter o talento de um grande jornalista, o olho de um fotógrafo, e os colhões de um ator" sem falar da afinidade com o perigo... que o diga o repórter veterano Robert Fisk, que foi ferido com pedradas na cabeça, rosto e mãos durante o ataque realizado por um grupo de cerca de cem afegãos, no cumprimento de seu dever. Essa é uma das características do gonzo... a adrenalina.³

...

A imersão profunda no assunto, a participação ativa, a osmose, como defende Czarnobai (2003). Além do mais, não tem aquela hipocrisia de narrar como se o repórter não estivesse interferindo.⁴

Um internauta deu até a definição do símbolo do gonzo:

O símbolo vem de uma mão segurando uma flor de peyote. A flor do peyote eh (*sic*) a matéria-prima para mescalina, um dos aditivos preferidos do Dr. Gonzo. É claro a mão tem seis dedos, ou dois dedos polegares, que, segundo minhas leituras, vem da definição de que é um símbolo do *freak power*, que o apreciador do estilo gonzo tem, ou procura atingir.⁵

No Brasil, o estilo tem alguns adeptos em publicações específicas. Na revista *Trip*, há o repórter Arthur Veríssimo e, no mundo dos blogs e sites, o jornalista curitibano André Pugliesi, dono do portal

www.jornalistedemerda.org. Ele e seu fiel escudeiro, Rodrigo Abud, fazem relatos pitorescos de lugares inusitados. Exemplos: visitinhas a um cine pornô, a um baile de velhinhos solteiros, a um clube de *swing* e a uma luta de boxe *trash* amadora.

Todos, é claro, bebem na fonte de Hunter Thompson. Quando ele morreu, homenagearam o mestre com textos de despedida. Mas ninguém foi tão feliz quanto Matthew Shirts, que, em um artigo reproduzido no jornal *O Estado de S. Paulo* de 28 de fevereiro de 2005, escreveu que sua frase favorita sobre a morte do escritor foi riscada em giz no quadro negro de uma loja de bebidas em São Francisco. O autor sintetizou o espírito gonzo com uma homenagem simples, mas direta:

"De luto pelo Hunter: 10% de desconto em todas as biritas fortes."

Em seu primeiro drinque no inferno, Thompson brindou ao comerciante e iniciou um novo livro. Nunca esteve tão à vontade.

O NOVO JORNALISMO NOVO

Não há nada mais velho do que o adjetivo *novo*. O homem classifica objetos, períodos históricos e ciclos vitais com esse adjetivo desde a segunda folha de parreira vestida por Adão no Paraíso, que certamente foi um presente de Eva. "Essa tanga tá velha meu amor, totalmente *démodé*. Bota essa aqui que é mais *fashion*", anunciou a mulher, enquanto a serpente degustava uma maçã transgênica no jardim reformado do Paraíso, com grama sintética e projeto paisagístico de Burle Marx.

Como diz a canção, o novo sempre vem. Se não fosse o gosto pela novidade, talvez nem existisse o Jornalismo. Mas chamar qualquer coisa de nova pressupõe fazer uma passagem, ultrapassar uma barreira, deixar uma outra coisa para trás. É uma opção política, feita a fim de marcar posição e se afirmar como diferença perante um grupo.⁶

Foi assim como o Novo Jornalismo, criado para se opor aos preceitos do "velho" Jornalismo objetivo. E é assim com o *New New Journalism*, o atual movimento de recriação estilística nos Estados Unidos, que utiliza o adjetivo duas vezes.

Ao contrário de seus predecessores, o grupo contemporâneo não se preocupou em idealizar um manifesto do gênero ou redigir uma

carta de princípios. Na verdade, os integrantes se identificam muito mais pelas estratégias de apuração do que por uma linguagem específica, e não se mantêm como uma instituição de valores unificados.

Foram os teóricos da Academia que localizaram o fenômeno e fizeram a classificação. O último livro do professor Robert Boyton, da Universidade de Nova York, por exemplo, tem o sugestivo e óbvio título *The new new Journalism* (2005), e é simplesmente uma coletânea de entrevistas com dezenove autores representativos do estilo.

Além disso, alguns deles nem são tão novos assim. Os líderes da atual geração são velhos conhecidos do público, como Gay Talese e John McPhee. O primeiro está interessado em marcar suas diferenças com Tom Wolfe, enquanto o segundo acabou se tornando o guru dos jovens escritores, uma vez que vários deles foram seus alunos no curso de *Literature of fact*, na Universidade de Princeton.

Talese circula como um verdadeiro papa entre os garotos, alguns nem tão garotos assim. Segundo o professor Boyton, ao reafirmar suas diferenças com Wolfe, o veterano escritor tenta concentrar em torno de si uma suposta identidade renovada, que, na verdade, não passa de uma coletânea de características. A principal delas é a opção por retratar os fracassos em vez dos sucessos. Ou seja, opor-se ao *glamour* dos ternos brancos de Wolfe com um mergulho profundo nas camadas mais submersas da sociedade.

O Novo Jornalismo Novo explora as situações do cotidiano, o mundo ordinário, as subculturas. Mas não envereda pela abordagem do exotismo ou do extraordinário, encarando os problemas como sintomas da vida americana. O objetivo é assumir um perfil ativista, questionar valores, propor soluções.

O novo jornalista novo se envolve até o talo com sua matéria e seus entrevistados. É o que os teóricos chamam de *close-to-the-skin reporting*, cuja tradução mais literal seria reportagem perto da pele. É preciso sentir os poros abertos, a trilha epidérmica, o cheiro de suor. Nas palavras de Boyton, deve-se fazer uma imersão completa e irrestrita, na tentativa de construir uma ponte entre a subjetividade perspectiva e a realidade observada. Para isso, no entanto, o repórter encara a fronteira entre as esferas pública e privada de forma mais arrojada, quase propondo o seu desaparecimento, o que não é uma tarefa fácil.

Outra característica do movimento é o tom informal, declaratório, quase sem preocupações com a elegância estilística, o que não significa pobreza vocabular, mas sim o desejo de expressar a linguagem das ruas e se aproximar da atmosfera retratada. Mais uma vez, vale o contraponto com Tom Wolf e o estilo autoral que ele chamou de *hectoring narrator*.

As críticas ao autor do manifesto, entretanto, não param por aí. Ele é acusado de se preocupar mais com a própria carreira do que com o Novo Jornalismo, além de ter interesse apenas estético e não político. Mesmo assim, quase todos os entrevistados admitem que o texto de 1973 ainda é a bíblia do movimento, embora façam as próprias interpretações, como qualquer religião que se baseia em "escrituras sagradas".

São essas interpretações que constituem o Novo Jornalismo Novo. Portanto, princípios básicos do manifesto de Wolfe, como os quatro recursos estilísticos, continuam valendo, ainda que a narrativa literária não seja mais o valor principal. Robert Boyton admite que os autores reunidos em seu livro não formam um grupo coerente ou institucionalizado, mas eles têm a grande vantagem de evitar a ansiedade presente na geração anterior, que desejava um lugar de destaque no mundo sagrado da Literatura.

Os novos autores querem desempenhar um papel mais político que literário. E isso fica patente nos assuntos escolhidos por eles e nas respectivas estratégias de imersão. Ted Conover, por exemplo, trabalhou um ano como guarda de prisão para escrever *Newjack*. Leon Dash acompanhou o dia-a-dia de Rosa Lee por cinco anos. E Eric Schlosser expôs a indústria de *fast-food* e o submundo do tráfico de drogas, além de retratar com fidelidade a exploração da mão-de-obra imigrante nos Estados Unidos.

Guardadas as devidas diferenças de estilo e procedência, todos fazem parte de uma geração cujo engajamento em questões sociais é condição essencial para o exercício da profissão. Mais do que jornalistas, eles são ativistas. Com um velho e bom espírito utópico, querem mudar o mundo, sim senhor.

Mas quem não quer?!

ALGUNS AUTORES E OBRAS

Neste capítulo, relacionei muitos autores e suas respectivas obras no interior da própria discussão teórica. Sendo assim, como já falei sobre Tom Wolfe, Truman Capote, John Hersch, Gay Talese e Hunter Thompson, vou me fixar em outros dois escritores, um americano e um brasileiro: Norman Mailer e Joel Silveira. Começo pelo estrangeiro.

Um dos inovadores que surgiram sob a sombra de um novo estilo literário (o tal romance não-ficcional), Norman Mailer disseminou nos anos 1960 e 1970 uma nova forma de Jornalismo, que combinava fatos atuais, aspectos auto-biográficos, opiniões e “alfinetadas” de cunho político – tudo isso com a riqueza da linguagem utilizada em um romance. As obras de Mailer sempre causaram controvérsia, tanto por seu estilo não-conformista quanto por sua visão polêmica do modo de vida americano. Certa vez, o poeta Robert Lowell o elogiou como “o melhor jornalista da América”, mas deixou dúvidas sobre o que pensava acerca das obras de ficção do autor, apenas para alfinetá-lo.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Mailer ocupou o posto de sargento do Exército Americano. O jovem queria ser mandado à Europa e liderar a primeira onda de invasão das tropas aliadas, mas ficou desapontado quando foi enviado para o sul do Pacífico. Serviu nas ilhas Leyte, Luzon e no Japão – mantendo-se sempre como observador astuto do que acontecia naquele cenário de guerra. Na maior parte do tempo em que esteve nas Filipinas, o escritor se sentia cansado e até entediado. Lá, presenciou um pouco de ação, mas não tanta quanto a que descreveu em seu livro: *The naked and the dead* (1948).

As notas prévias do que viria a se tornar essa obra foram enviadas em cartas à sua primeira esposa, pois Norman não queria carregá-las consigo. Em 1946, ele foi exonerado do cargo de sargento e, no ano seguinte, inscreveu-se na Université de la Sorbonne Nouvelle, em Paris. A partir daí, o livro demorou 15 meses para ficar pronto e foi publicado quando Mailer tinha apenas 25 anos de idade, concedendo-lhe fama internacional. “O sucesso transcendeu a minha própria identidade!”, disse Mailer.

A história é sobre um grupo de soldados americanos em ilhas sob domínio japonês, no Pacífico, onde *flashbacks* de seus passados mes-

clam-se com cenas de calorosas batalhas. Na opinião de muitos americanos, a narrativa é obscena, exagerada, ofensiva, amarga. O sucesso estrondoso alcançado por Mailer deve tê-los enfurecido: o livro foi tido como um dos cem melhores romances na lista da *Modern Library*, configurou-se, na opinião de muitos acadêmicos, como um dos melhores romances americanos sobre os anos de guerra e, na opinião dos críticos do *Providence Journal*, o romance mais importante desde o eterno clássico *Moby Dick*. Nas palavras do *The Philadelphia Inquirer*, “chamá-lo meramente de ‘um ótimo livro’ seria minimizar seu valor!”.

Em seu romance subsequente, o escritor não conseguiu repetir a façanha. Na verdade, *Barbary Shore* (1951) foi praticamente decepcionante: o roteiro era tido como uma tentativa frustrada de narrativa perigosa, os diálogos eram considerados irritantes e os personagens pareciam feitos de madeira. O romance canhoto de Mailer tomava corpo no Brooklyn e mostrava o conflito entre um formalista radical e um agente federal. Segundo a *Time Magazine*, era nada mais do que uma história “sem ritmo, sem sabor e sem graça”.

No final da década de 1940, Mailer começou a trabalhar em Hollywood escrevendo roteiros. Mudou-se para Greenwich Village, na cidade de Nova York, em 1951. Quatro anos depois, lançou *The Deer Park*, que destrinchava a corrupção de valores em Hollywood. Inúmeros editores recusaram-se a publicar a obra.

Mailer se estabeleceu como um dos mais ativos e enérgicos ensaístas da América ao publicar *The presidential papers*, em 1963, no qual contestava o então vigente conceito de herói (“um homem que discutiria com os deuses e acordaria os demônios para contestar seu ponto de vista...”).

Em sua obra seguinte, o autor trabalha com técnicas de ficção e utiliza suas próprias reações aos fatos como guia. *The armies of the night* (1968) fala ostensivamente sobre Março de 1967, quando ocorreu a Marcha para o Pentágono, na capital dos Estados Unidos (Washington, DC), contra a guerra do Vietnã. Entretanto, como em muitas outras de suas obras, o tema realmente central do livro acaba por ser o próprio Mailer. Começando com aspectos gerais da marcha, a narrativa se afunila até chegar à liderança do escritor em relação ao movimento e à sua prisão e subsequente noite na cadeia. O trabalho ganhou o Prêmio Pulitzer para não-ficção.

Mailer tornou-se alvo de ataques feministas nos anos 1970, após a publicação de *The prisoner of sex* (1971). Na obra, o escritor sugeriu que o sexo determina o modo como os indivíduos percebem e ordenam a realidade. Isso lhe rendeu uma descrição malcriada por Kate Millet em seu livro *Sexual politics*: “O perfeito exemplo de um porco machista”.

Posteriormente, escreveu sobre a vida e a carreira de Marilyn Monroe. Não muito tempo depois, relatou o lendário embate entre Muhammad Ali e George Foreman sob o título de *The fight* (1975). Em 1979, publicou *The executioner's song* (1979), apelidado de “a versão de Mailer para *A sangue frio*, de Truman Capote”. A história foi baseada na vida e na morte de um assassino convicto, o bizarro Gary Moore.

Quando o diretor italiano Sergio Leone começou a trabalhar em seu filme *Once upon a time in America* (1984), pediu a Mailer para ajudá-lo com o roteiro. O filme baseava-se no romance de 1953, publicado por Harry Grey. Mailer, então, trancou-se num quarto de hotel em Roma com muitas garrafas de uísque lá permaneceu por três semanas, até terminar o *script*. “Eu podia ouvi-lo cantando, praguejando e gritando por mais gelo a dez quarteirões de distância”, disse Leone em uma entrevista. Talvez três semanas não tenham sido tempo suficiente, uma vez que a reação de Harry Grey, ao ver a adaptação de seu livro, não foi das melhores. “Mailer, pelo menos a meu ver, na visão desse velho fã, não é um escritor para cinema”, concluiu Leone posteriormente.

Em 1991, Mailer apoiou a Guerra do Golfo por “razões patrióticas”: para ele, os Estados Unidos já estavam precisando de uma guerra. Um ano depois, lançou um livro de 1.300 páginas sobre a CIA, *Harlot's ghost*, que considerou a melhor de todas as suas obras. Na pesquisa para esse livro, o escritor acabou encontrando documentos russos desconhecidos, utilizados depois em *Oswald's Tale* (1995), a biografia que escreveu sobre Lee Harvey Oswald.

Em 1998, Mailer lançou *The time of our time*, uma antologia de seus escritos ficcionais e não-ficcionais. “O que esse volume deixa bem claro, se já não era óbvio, é que a força do sr. Mailer está na não-ficção”, disse Michiko Kakutani, em sua coluna no *New York Times*.

Em 2003, Norman Kingsley Mailer celebrou seu octagésimo aniversário e publicou *The spooky art*, uma coleção de artigos sobre o ato de escrever. Em 2005, foi premiado com a *National Book*

Medal por sua distinta contribuição à Literatura americana. No mesmo ano, participou do seriado americano *Gilmore Girls* (no Brasil, *Tal mãe, tal filha*) da Sony intitulado *Norman Mailer, I'm pregnant!* (ou “*Norman Mailer, estou grávida!*”), representando a si mesmo – como celebridade – ao ser entrevistado por um repórter (representado por seu filho, Stephen Mailer).

Muito menos vaidoso que seu colega americano, o brasileiro Joel Silveira, também octogenário, foi pioneiro na utilização do estilo conhecido como Jornalismo Literário no país. Defendia a tese de que o estilo chamado de “grande reportagem”, mais que uma mera alternativa da imprensa, era a válvula de escape para toda a voz reprimida na ditadura do Estado Novo, de 1937 a 1945.

Joel cobriu a Segunda Guerra Mundial para os *Diários Associados*. Com 26 anos, era o mais jovem entre os correspondentes estrangeiros na Europa. A pouca idade não o intimidava: ao chegar, já criticava as fardas dos soldados (e também dos jornalistas), que, segundo ele, haviam sido feitas para o “frio de Friburgo” e dadas a uma tropa que enfrentaria uma temperatura de até 20°C negativos.

Nesse período, Joel conviveu com uma das maiores celebridades do Jornalismo mundial, Ernest Hemingway (autor de *Por quem os sinos dobram* e *O velho e o mar*), que, vindo da Normandia a caminho da Jugoslávia, instalou-se na mesma região em que a FEB se encontrava (Porreta Terme).

Silveira passou dez meses no *front* italiano e retornou ao Brasil justamente no momento em que Assis Chateaubriand, dono dos *Diários Associados*, declarava “guerra” contra Francisco Matarazzo Jr. (o conde Chiquinho). O “erro” de Francisco teria sido pedir de volta o prédio que os *Associados* ocupavam no viaduto do Chá, em São Paulo, que era de propriedade do industrial. A ira de Chatô foi aguçada quando soube que, para enfrentá-lo em pé de igualdade, o conde adquirira o controle do Grupo Folha (que editava a *Folha de S.Paulo*, a *Folha da Manhã* e a *Folha da Noite*). As publicações de Chateaubriand despejaram artigos que ele mesmo escrevia ou ordenava que fossem escritos contra os Matarazzo, e, em meio a esse tumulto, chegou-lhe aos ouvidos que o conde Chiquinho estava entretido preparando o que muitos colonistas já chamavam de “a festa do século”: o casamento de sua

herdeira Filly com o jovem (e milionário) João Lage. Mais uma vez, a Víbora, como Joel era chamado, seria solicitada para executar o trabalho sujo. Ele já era tido como peçonhento e, obviamente, foi o escolhido para escrever sobre o evento. Usou toda acidez e malícia costumeiras, acrescidas de alguns trunfos: ainda tinha fontes infiltradas na *high society* – que já o haviam ajudado no artigo “Grã-finos em São Paulo” (e entre as quais estaria o pintor Di Cavalcanti). Além disso, conhecera o noivo enquanto ele servia na Força Expedicionária Brasileira no norte da Itália. Era a gestação de “A milésima segunda noite da avenida Paulista”, seu texto mais famoso.

Além dos já citados aliados e truques, no dia do casamento, Joel Silveira ganhou um grande presente que o ajudaria a arrasar ainda mais a imagem pública da família Matarazzo. Já era quase noite e ele estava acabava de datilografar as últimas laudas de seu trabalho, quando a inocência de uma humilde senhora que entrava na redação lhe deu a pólvora de sua matéria. A ingênua senhora viera pedir para que colocassem também no jornal uma pequena nota sobre o casamento de sua filha que também se realizaria naquele dia, pois ela sempre via artigos e mais artigos sobre o casamento da filha do conde. A menina era uma operária das indústrias Matarazzo e estava para se casar com um torneiro mecânico, que também trabalhava nas fábricas da família.

Nadir Ramos e José Tedeschi se casaram sob holofotes e chuva de *flashes*. Chateaubriand, após ser informado da descoberta do casamento dos operários, ordenara que desse a ele o mesmo espaço que seria dado ao da filha do conde: “Se as bodas de dona Filly receberem duas páginas, quero duas páginas para os operários!”

Ordens cumpridas, o *Diário da Noite* trazia duas páginas inteiras sobre os casamentos, face a face. Na esquerda, o casamento de Filly e João Lage; na direita, o casamento de Nadir e José. É claro que Silveira não perderia a oportunidade de frisar que todo luxo e ostentação do primeiro casamento foram apoiados no trabalho árduo e no suor do casal de operários. Dessa história, como já disse, surgiu seu livro mais famoso, *A milésima segunda noite da avenida Paulista*. Mas também merecem destaque a coletânea de artigos *A feijoada que derrubou o Governo* (2004) e o livro de memórias *Na fogueira* (1988).

NOTAS

1. Tom Wolfe, *Radical chic e o Novo Jornalismo*, São Paulo, Companhia das Letras, 2004, p. 23.
2. Orkut é uma comunidade de relacionamentos na internet cujo maior número de usuários vive no Brasil (*ranking* de 2006).
3. Comunidade de Jornalismo literário no Orkut.
4. Idem.
5. Idem.
6. O que nem sempre significa mudança, vide movimentos como a Nova República ou o Estado Novo. Muitas vezes, basta a retórica, como na famosa frase do *Leopardo*, de Visconti: “Alguma coisa precisa mudar para que nada mude”.